

Sem inspiração fica difícil improvisar

Heitor Tepedino

A votação no Congresso Nacional das propostas da Constituinte e da reforma tributária, esta última beneficiando estados e municípios, permite antever que o governo terá sérias dificuldades de aprovar, ainda este ano, um "pacote" econômico que inclui a elevação de impostos para vários segmentos da economia. Pelo visto e ouvido nesses debates, não seria exagero afirmar que o governo terá poucas chances de conseguir o acolhimento de sua proposta pelos parlamentares.

A Nova República está tropeçando nos mesmos obstáculos da Velha, por um motivo simples: havia um compromisso público de que as grandes decisões seriam amplamente debatidas durante a sua elaboração, as idéias surgiram como sugestões, o cidadão teria oportunidade de expor o seu ponto de vista. Entretanto, esses "pacotes" continuam sendo elaborados a portas fechadas, com os ministros da área econômica sondando as reações, soltando um item vez e outra, o que frustra a população, que acreditou numa mudança radical de postura por parte do governo.

Como resultado deste vício de evitar que a população tome conhecimento de medidas econômicas em elaboração, o suspense traz resultados políticos negativos para o presidente José Sarney, nascendo uma veia crítica nos cidadãos, porque qualquer pessoa tem pavor de sobreviver na escuridão dos acontecimentos, sem qualquer possibilidade de informação.

Constituinte, reforma tributária para governos estaduais e reforma agrária são temas poucos populares, que despertam para se começar a pensar o que foi feito no campo industrial e rural na Nova República, permitindo esperar-se por dias melhores. Constata-se que muito pouco ou nada surgiu nesses setores, com os tecnocratas emperrados em seus raciocínios, faltando criatividade e imaginação. Administrar com escassez de recursos exige muita racionalidade nos investimentos, muita criação de contorno

de situações, estabelecendo-se medidas inteligentes que incentivam o setor produtivo com as armas que se possuiu.

Contudo, o que se têm observado é um ministro João Sayad bem mais desanimado do que os primeiros meses do governo, o assessor especial da área econômica da Presidência da República, Luis Paulo Rozemberg, permanentemente aparecendo como demissionário, e o ministro Dilson Funaro, trabalhando 18 horas ao dia, tendo assumido o controle da economia, mas desestruturado para tocar mais um assunto de cada vez, deixando concentrar em sua mesa todos os estudos e propostas, o que prejudica a velocidade das decisões e da própria conclusão dos trabalhos.

Dentro do panorama visível do governo, não é difícil concluir que falta alguma coisa, o setor industrial não tem incentivo para cair em campo e investir com mais coragem, o setor rural sofre por não poder ampliar suas atividades, amarrado por juros de 240% ao ano. Em plena fase de cultivo o governo permite que as empresas de fertilizantes massacrem os agricultores com preços exorbitantes, enfim, existem desestímulos e não surgem os esperados estímulos, seja na área de sementes, equipamentos agrícolas ou qualquer outro.

Em conclusão, vê-se claramente que o governo não consegue caminhar, o que não é novidade, já que o próprio Palácio do Planalto chegou a esta constatação. Como o Brasil é um País tipicamente agrícola, acredita-se que é por este caminho que o governo teria de atacar, oferecendo alguma coisa, principalmente facilitando a mecanização de nossas lavouras com produtos a preços compatíveis ao padrão dos agricultores. Caso não haja uma decisão política do presidente Sarney neste sentido, os tecnocratas continuarão sufocando o desenvolvimento, autorizando o reajuste de preços absurdos em setores prioritários como a agricultura e inviabilizando qualquer intenção de melhoria da produtividade agrícola, porque poucos suportam o custo dos equipamentos e dos fertilizantes, que acompanham os preços do dólar.